

---

## **Bela, Recatada e do Lar: Uma análise da criação da personagem Marcela Temer<sup>1</sup>**

Amanda dos Santos Lanzetti AYRES<sup>2</sup>  
Ana Flávia de Almeida SOARES<sup>3</sup>  
Ana Luiza de Lima SILVA<sup>4</sup>  
Juliana LOFEGO<sup>5</sup>  
Universidade Federal do Acre, Rio Branco, AC

### **RESUMO**

O presente artigo faz uma análise social e teórica da construção da personagem de Marcela Temer a partir do discurso presente no texto: “Marcela Temer: bela, recatada e “do lar” escrito pela jornalista Juliana Linhares para a revista Veja, em março de 2017. O trabalho busca analisar a influência dos meios de comunicação no reforço de uma cultura patriarcal e no processo de manutenção do papel da mulher na política.

**PALAVRAS-CHAVE:** mídia; política; mulher; Marcela Temer; primeira-dama.

### **1. Mulher na política**

O Brasil tem menos mulheres na política do que no Oriente Médio. A representação feminina é de 9% na Câmara e 13% no Senado Federal, sendo que neste quesito o Congresso Nacional ocupa o 116º lugar, na comparação com 190 países, segundo dados divulgados pela União Inter-Parlamentar em 2015 (CHADE, 2015). Mesmo sendo maioria na população, possuem níveis educacionais mais elevados que os homens e trabalham mais que estes, segundo a Unesco Mulheres (UNESCO, 2011), as mulheres não possuem uma representação efetiva no espaço político.

A participação das mulheres na política muitas vezes é relacionada a um homem político, como marido, pai, tios (UNESCO, 2011). São membros de comitês, lutas sindicais, movimentos por anistia e eleições livres, Diretas já, assembleia constituinte,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2018.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre - UFAC, e-mail: [ayres.amanda@yahoo.com.br](mailto:ayres.amanda@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre - UFAC, e-mail: [a.flavia.soares@uol.com.br](mailto:a.flavia.soares@uol.com.br)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre - UFAC, e-mail: [analuzadelimas@gmail.com](mailto:analuzadelimas@gmail.com)

<sup>5</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre - UFAC, e-mail: [julofego@gmail.com](mailto:julofego@gmail.com)

---

Conselhos, Secretarias, Coordenadorias e Conferências de variados temas e mais recentemente na área de Políticas Públicas para Mulheres, e ainda assim, o espaço que elas ocupam sempre foi mínimo e não é estimulada adequadamente por partidos e sindicatos (KUNZLER, 2008).

A questão da subrepresentação das mulheres nos espaços de poder é influenciada pelos meios de comunicação, que refletem uma sociedade machista, misógina e patriarcal. Historicamente foi designado que as mulheres deveriam ficar em suas casas cuidando das crianças e dos afazeres domésticos, enquanto os homens frequentavam lugares, como bares e cafés, onde as ideias políticas borbulhavam (BEAUVOIR, 2016).

A ideia de ‘Segundo Sexo’, idealizada por Simone de Beauvoir, é repetida diariamente em jornais e revistas de grandes e poderosos conglomerados jornalísticos que são, em boa parte das vezes, mantidos por homens, brancos e ricos. Hoje, as coisas já mudaram bastante. Elas podem votar e se candidatar, inclusive há uma cota mínima para o número de candidaturas femininas em cada partido. No entanto, a questão é complexa, visto que o ambiente político contempla não apenas a candidatura ou votação, mas também o respeito à participação das mulheres enquanto seres sociais no espaço público.

...desde a implantação da lei de cotas, que reserva 30% para gênero nas listas de candidatos, ocorre que ao mesmo tempo em que a Legislação adotou este sistema, também aumentou o número de candidaturas possíveis, o que possibilitou o mesmo número de candidaturas masculinas, e não existindo punição para o partido que não completa o número mínimo de candidaturas por gênero, isto possibilitou a continuação do mesmo esquema, sem conflitar com a reivindicação das mulheres pelos seus direitos nos partidos, mesmo sem dar-lhes condições de competir, que resultou em poucos debates sobre as cotas. (KUNZLER, 2008, p.5)

O relatório da ONU Mulheres<sup>1</sup>, divulgado em maio de 2016, mostra que as mulheres representam 9% dos cargos executivos e legislativos brasileiros. A atualização realizada em 2017 mostra um crescimento pequeno para 10,7%, corresponde à proporção

---

1. ONU. Observatório de Igualdade de Gênero da América Latina e do Caribe. **Poder legislativo: porcentagem de mulheres no órgão legislativo nacional: Câmara baixa ou única**. 2016. Disponível em:

<<https://oig.cepal.org/pt/indicadores/poder-legislativo-porcentagem-mulheres-no-orgao-legislativo-nacional-camara-baixa-ou>> Acesso em: 27 de abril de 2018.

---

de mulheres que ocupam cargos no parlamento nacional. Para Luiza Carvalho, diretora regional da ONU Mulheres para a América Latina e Caribe, mesmo com políticas de cota mínima para candidaturas femininas nos partidos, a máquina política interrompe a ascensão feminina. Conforme disse Luiza Carvalho para a Revista Época em junho de 2016: “O Brasil adotou as cotas, mas os partidos nunca tiveram

determinação para adotá-las. No Brasil, como em outros países, existe uma resistência à presença da mulher na política, com base em achismos que não fazem sentido.” (LAZZERI, 2016).

A lei federal 9.100/1995, conhecida popularmente como lei de cotas e que este ano completa 22 anos, prevê que haja uma quantidade mínima (30%) e uma máxima (70%) de candidaturas por gênero. No artigo 11, inciso 3 consta: “Vinte por cento, no mínimo, das vagas de cada partido ou coligação deverão ser preenchidas por candidaturas de mulheres.” (BRASIL, 1995). Depois de um tempo essa quantia mínima foi alterada para os trinta por cento, que é seguido hoje em dia.

É interessante observarmos que, mesmo com mais de duas décadas da lei em vigor, o número de participação feminina no sistema político brasileiro ainda é irrisório. A ideia, nesse trabalho, é analisarmos a importância dos meios de comunicação no processo de manutenção e reforço que estes dão ao que é considerado por muitos brasileiros como o papel da mulher na política.

É importante destacar que essa precariedade na participação feminina na política brasileira é ocasionada pela ineficiência das implementações das políticas que visam igualdade entre gêneros, além da insuficiência da análise das variáveis que formam a participação política da mulher. (TABAK, 1983).

A construção social sobre o que é ser mulher/cidadã, muitas vezes reforçado pelos meios de comunicação, corrobora para a perpetuação da cultura patriarcal e no distanciamento das mulheres para com a vida pública. “As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2006. p. 48). Neste trecho, Stuart Hall (2006) fala sobre identidades, questionando o discurso de construção social de de uma identidade pessoal ser aparentemente nato, conforme ressaltado também por Simone de Beauvoir em sua

---

famosa frase “não se nasce mulher, torna-se” (BEAUVOIR, 2016).

Os meios de comunicação, desde seu surgimento, tiveram um papel de destaque na sociedade, atuando quase de forma velada mas permanentemente influenciando as ações de governo e o comportamento da sociedade. A metodologia da Análise de Discurso visa permitir uma análise de textos e imagens em uma relação menos ingênua com a linguagem, visto que não temos como não interpretar os contextos em que ocorrem as publicações. Enquanto seres sociais, estamos comprometidos com os sentidos e o contexto político.

A obra de Orlandi (2001) traz reflexões sobre a linguagem, o sujeito, a história e a ideologia. A proposta é ter uma relação menos simplória com a linguagem, visto que não temos como não interpretar, já que, enquanto seres sociais, estamos comprometidos com os sentidos e o político. O livro evidencia que a relação do sujeito com a linguagem nunca é inocente. Na verdade, é exatamente o contrário que ocorre, já que ao falarmos sempre tomamos partido de alguma maneira. O simbólico articula com o político, e isso se dá, na maioria das vezes, de maneira sutil.

Com o fortalecimento do movimento feminista no Brasil nos últimos anos e o impeachment da primeira mulher eleita presidenta do país é necessário, também, um estudo da política nacional com o olhar voltado para a questão de gênero.

## **2. Bela, recatada e do lar**

“Bela, recatada e do lar”, reportagem da VEJA online (LINHARES, 2016), publicada em 18 de abril de 2016, gerou grande repercussão no Brasil. A jornalista, Juliana Linhares, construiu um perfil biográfico de Marcela Temer, mulher de Michel Temer, na época vice-presidente do Brasil. Amplamente compartilhada e comentada nas redes sociais, seja através de textos ou fotos, os três adjetivos foram publicados no título.

A reportagem foi publicada em um momento de crise política, com a abertura do processo de destituição da presidente Dilma Rousseff, a primeira mulher a chegar à presidência do Brasil. Ela era acusada de crimes contra a Constituição, acusações essas que a levaram para o processo de impeachment.

---

“O texto, usado como propaganda política, exhibe Marcela Temer como uma mulher ideal aos padrões da sociedade.” (PETIN; LEBEDEV, 2017). A matéria é construída com muitos estereótipos, no qual pretende-se romantizar a primeira-dama Marcela Temer. A autora utiliza diversos adjetivos, além de depoimentos de pessoas próximas a ela.

O texto se estabelece com qualificações e descrições de episódios da vida da primeira-dama, caracterizando um perfil biográfico, ainda que nenhum fala dela apareça ao longo da matéria. Não se trata, assim, de um discurso em primeira pessoa, nem mesmo de relatos de sua vida narrados por ela e transcritos à jornalista, mas sim da perspectiva de outros personagens sobre sua vida (mãe, tia, irmã mais nova, cabelereiro).

As descrições que a jornalista faz no texto chegam a ser exageradas, um exemplo é o bordão “vice-primeira dama do lar”, “gosta de vestidos na altura do joelho”, “aparece pouco”, “sempre foi recatada” (LINHARES, 2016). O tom positivo e até mesmo eufórico, revelado nestas expressões, demonstra a intenção de apresentar a então vice-primeira-dama da república como modelo de mulher feliz e modelo a ser seguido. Segundo Woodward (2007):

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (WOODWARD, 2007, p. 17).

Esses sistemas de representação são, assim, de grande relevância não apenas para o processo de formação e apropriação identitária, mas também formam, ou deformam, o imaginário coletivo, definindo padrões desejáveis de comportamento e estereótipos.

A publicação gerou polêmica por idealizar a Marcela Temer como um modelo a ser seguido, afinal de contas, “Michel Temer é um homem de sorte”. Esse é o estereótipo que a matéria busca vender: o padrão social e cultural de uma mulher perfeita, que cuida dos filhos e do marido, da casa, que vive apenas para o casamento.

---

Ao fazer uma análise, pode-se observar que o discurso enaltece a sorte de um homem ao estar ao lado de uma mulher jovem, “43 anos mais jovem que o marido” (LINHARES, 2016). É cabível argumentar que o título da reportagem e alguns trechos do texto seriam antagônicos. Adjetivos como recatada, do lar e discreta, os quais qualificam a mulher do presidente da república não condizem, a priori, com a forma como ele a descreve em seus momentos íntimos. Pondera-se então, duas questões do discurso:

O primeiro se refere à mulher no espaço público e o outro no privado. Em público, Marcela é recatada, discreta, educadíssima, usa vestidos na altura dos joelhos e de cores claras, luzes bem fininhas e aparece pouquíssimas vezes. No privado, de vermelho, flamejante, olhos brilhantes, lábios rubros, para satisfazer os desejos do marido. Dele, restam cinzas, que espalh(a) na cama, para dormir. (MALTA; SANTOS, 2016)

A polêmica movimentou as *timelines* de mulheres (e mesmo homens) postando fotos em poses e situações engraçadas e debochadas, que fogem do padrão de mulher ideal descrito pela revista Veja, em contraponto aos termos “bela, recatada e do lar”. Também não faltaram longos textos questionando a escolha das palavras para descrever uma mulher.

Esse texto gera polêmica e repercussão por ter um cunho político, já que a imagem de Marcela Temer entra em divergência com a imagem de Dilma Rousseff, na época presidente do Brasil.

“Uma mulher de sorte”, essa é primeira descrição que a jornalista utiliza no texto, seguindo o enfatizado na reportagem que a atual primeira-dama nunca trabalhou após o matrimônio, e se dedica a cuidar do filho e da casa, é casada a treze anos com Michel Temer e frequenta lugares caros. A autora deixa claro que a felicidade da senhora Temer acontece devido à devoção ao marido, e também por ser discreta e recatada.

Ainda que a condição da mulher tenha mudado nos últimos tempos, especialmente depois da Revolução Feminista de 1960, a revista tenta, através da linguagem, construir um estereótipo de dama respeitável e educada para ser uma mulher perfeita. Essa idealização da mulher como mãe e esposa virtuosa percorre o imaginário

---

da cultura ocidental. A revista *Veja* naturaliza esse padrão de identidade feminina que que tem suas raízes no patriarcado e no machismo institucionalizado.

O adjetivo “recatada” dá um tom machista à publicação. Percebemos que Marcela é uma mulher discreta, que não gosta de se expor, suas roupas são elegantes e comportadas, escondendo o seu corpo. Porém, a expressão “do lar”, vindo logo após a palavra “recatada”, nos faz lembrar dos tempos em que as mulheres deveriam apenas ser donas de casa.

Mais ainda, a “pureza” de Marcela ao se casar com o primeiro homem com quem se relacionou, reforça a ideia de que a mulher deve “se guardar” para o marido e não tem direito sobre o seu corpo. O sonho de ser mãe novamente também evidencia que a maternidade é o grande objetivo da vida da mulher. Exemplos que remetem a um Brasil arcaico, quando os homens definiam como queriam que elas fossem.

A reportagem defende diversas atitudes tidas atualmente como antiquadas, sendo apresentadas novamente como o ideal, estereótipos que as mulheres lutaram anos para modificar. São exemplos disso a informação que Marcela se formou em direito, porém nunca exerceu a profissão, que ela prefere vestidos até os joelhos e que tenham cores claras, que seu sonho é ter mais um filho com o presidente Michel Temer, sai de casa apenas quando precisa cuidar do filho ou de sua saúde, e que o seu primeiro encontro com o presidente ocorreu com a presença de sua mãe.

Na publicação, ela não é descrita como Marcela, uma advogada e também primeira-dama do Brasil, que é a sua formação acadêmica, mas sim como Marcela, a primeira-dama, que é bela, recatada, do lar, e esposa do presidente Michel Temer.

Stuart Hall (2006) nos faz perceber que o sentido das coisas é o que nos permite ter noção de nossa própria identidade, e que este sentido é continuamente reelaborado de acordo com o período em que vivemos, as experiências que temos e pela interação social. O papel da representação e a associação com a linguagem é muito simples, as línguas operam por sistemas de representações e é a representação que liga o sentido e a linguagem à cultura.

A dominação masculina e a passividade feminina como modelo aculturado é discutida por Bourdieu (1991). De certa forma, pode-se considerar “implícito no

---

discurso que a sorte de um homem depende das relações sexuais que o façam sentir-se pleno e satisfeito” (MALTA; SANTOS, 2016). Em suas palavras:

Se a relação sexual se mostra como uma relação social, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo - desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo de dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação (BOURDIEU, 1991 p. 31)

Bourdieu (1999), nos estudos de gênero, destaca que existe uma cultura androcêntrica e conseqüentemente uma “dominação masculina” que está culturalmente arraigada. Isto nos torna incapaz de notar que a realidade é, na verdade, uma ordem social de caráter histórico e que foi percebida pela sociedade como “natural”.

A maioria das críticas à matéria não tiveram como foco as mulheres que “escolheram” ser assim, que optaram por viver uma vida “tradicional”, mas sim ao tom da matéria, de reforçar um exemplo de mulher ideal na sociedade, a maneira aceitável de como as mulheres devem se portar.

A campanha que se seguiu na imprensa e nas redes sociais teve milhares de participações e gerou um intenso debate sobre os padrões sociais e culturais impostos para as mulheres. Em defesa dos direitos conquistados que até hoje não estão assegurados, e encontram-se longe do ideal, a reação que muitas mulheres tiveram foi de recusar o rótulo de recatada, objeto de posse ou de consumo de alguém e sem uma vida pública. Reivindica-se o direito de ser respeitada em suas escolhas de vida. Querem ser belas, sim, mas à sua maneira, e não seguindo padrões impostos.

Como afirma Hall (2006), significados flutuam e não há como mantê-los fixos. A tentativa de fixação de um imaginário é uma prática representacional que interpela vários significados potenciais e tenta privilegiar apenas alguns deles. O estabelecimento de uma ideia de normalidade através de estereótipos é uma estratégia de grupos dominantes que tentam moldar a sociedade de acordo com sua própria visão de mundo, sistemas de valores, sensibilidades e ideologias.



---

Ao final da leitura, pode-se concluir que Marcela Temer é retratada como modelo de mulher feliz e de sorte, pelo tom passivo e quase vibrante do discurso, associando sua felicidade a ter como marido um homem apaixonado, romântico e rico. Mesmo que a biografia de Marcela esteja no cerne da reportagem, todas as suas qualificações são centradas no universo do lar. Ela é colocada à sombra do marido, considerando que a sua felicidade depende dele e da família por ele proporcionada, financeiramente e emocionalmente.

Ainda que o título prefira não explicitar, o discurso também revela que a sorte de um homem depende das relações sexuais que o façam sentir-se satisfeito. Assim, identificamos por meio das análises que a mulher representada por Marcela, é “recatada” publicamente e “flamejante” no espaço privado, com o intuito de atender aos desejos do marido (LINHARES, 2016).

As problemáticas referentes à representação feminina na política brasileira ainda são grandes e a publicação da revista *Veja* corrobora para o afastamento da participação feminina nos espaços públicos. Intrinsecamente, a matéria aponta que mulheres deveriam ser belas, recatadas, do lar, e não deveriam ocupar locais de poder.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, lei 9.100/1995. 1995

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CHADE, Jamil. Brasil tem menos mulheres na política que Oriente Médio. **O Estado de S. Paulo**. 6 mar 2015. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-tem-menos-mulheres-no-legislativo-que-oriente-medio,1645699>> Acesso em: 11 de abril de 2018.

GANDRA, Alana. Brasil ocupa 115º lugar em ranking de mulheres na política. **EBC - Agência Brasil**. 30 mar. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2017-03/brasil-ocupa-115o-lugar-em-ranking-de-mulheres-na-politica>> Acesso em: 11 de abril de 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva,

---

Guaracira Lopes Louro. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

\_\_\_\_\_. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio: APICURI, 2016

KUNZLER, Maria Laci. Participação das mulheres na política representativa. **Anais do Seminário internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, violência e poder**. Florianópolis, 25 a 28 agosto 2008. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST29/Maria\\_Laci\\_Kunzler\\_29.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST29/Maria_Laci_Kunzler_29.pdf)> Acesso em: 02 Abr. 2018.

LAZZERI, Thais. “No Brasil, existe uma resistência à presença da mulher na política”. **Revista Época**. 18 jun. 2016. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/05/no-brasil-existe-uma-resistencia-presenca-da-mulher-na-politica.html>> Acesso em: 11 de abril de 2018.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. **Revista Veja**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>> Acesso em: 11 de abril de 2018.

MALTA, Renata Barreto; SANTOS, Suyene Correia. Bela, recatada e ‘do lar’: Uma análise do discurso da matéria que pautou o debate de gênero nas Redes Sociais. **Anais do 19º Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero**. São Cristóvão, SE, 2016. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/70324883-Genero-e-comunicacao-gt-13.html>> Acesso em: 11 de abril de 2018.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ONU. Observatório de Igualdade de Gênero da América Latina e do Caribe. **Poder legislativo: porcentagem de mulheres no órgão legislativo nacional: Câmara baixa ou única**. 2016. Disponível em: <<https://oig.cepal.org/pt/indicadores/poder-legislativo-porcentagem-mulheres-no-orgao-legislativo-nacional-camara-baixa-ou>> Acesso em: 27 de abril de 2018.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PETIN, Giovana. LEBEDEV, Nádia. A construção das personagens Marcela Temer e Dilma Rousseff pela Mídia Brasileira: um estudo comparativo. **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, PR, 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2251-1.pdf>> Acesso em: 11 de abril de 2018.

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2016

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2016

---

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, 151p

TABAK, Fanny. **Autoritarismo e participação política da mulher**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

The UNESCO courier. **Mulheres na conquista por novos espaços de liberdade**; Vol.:64, 2; 2011. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001922/192261por.pdf>> Acesso em: 11 de abril de 2018.

WOODWARD. Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2007.